

CORREIO BRAZILIENSE

Carne
Na quarta parte nova os campos atra.
E se mais mundo houvera, lá chegara.
CAMÕES, e, VII e 14.

Diretor-Geral
Paulo Cabral de Araújo

Diretor-Superintendente
Edilson Cid Varella

Diretor-Responsável
Ari Cunha

Editor-Geral
Ronaldo Martins Junqueira

Gerente-Geral
Alberto de Sá Filho

Gerente Financeiro
Evaristo de Oliveira

Gerente Técnico
Ari Lopes Cunha

Gerente Comercial
Mauricio Dinepi

Confrontação democrática

Durante os 73 minutos de sua entrevista à Rede Bandeirantes de Televisão para responder a denúncias feitas contra o seu governo por nove dos quinze candidatos à Presidência da República, em debate na mesma emissora, o presidente Sarney produziu alguns conceitos políticos e informações que dimensionam episódios da atual gesto do País segundo a óptica do Palácio do Planalto. Nos regimes verdadeiramente democráticos a versão dos acontecimentos só poderá sofrer decantação isenta se todas as suas faces chegarem à percepção da sociedade, por meios libertos de mistificação e expedientes sinuosos.

A decisão de Sarney de comparecer ao mesmo cenário onde foi atacado para defender-se realiza a possibilidade democrática do contraditório, sem a qual a opinião pública seria lesada em seu direito de conhecer a verdade em suas múltiplas nuances. Não está em causa proceder a um julgamento de valor sobre a qualidade intrínseca das revelações presidenciais. Em busca da cristalização de uma consciência política civilizada, à altura do estágio democrático alcançado pelo Brasil, a sociedade civil por certo se esforçará em distinguir a realidade da ilusão. Espera-se que chegue a uma conclusão sensata.

Mas, ao usar o mesmo processo franqueado aos seus adversários para dirigir-se à Nação, o Presidente da República submeteu-se às regras de confrontação sancionadas pelos valores democráticos.

Poderia ter requisitado horário especial em toda a mídia eletrônica para monologar sobre as suas verdades, como tantas vezes ocorreu durante sua gestão, do que se seguiriam as justas censuras da opinião pública.

Todos os pontos abordados na fala presidencial, quaisquer deles de importância indiscutível, merecem reflexão. Todavia, dois se destacam do quadro geral, porque colocam o Governo numa situação singular em relação às críticas mais ácidas que hoje lhe são desferidas. O primeiro diz respeito ao insulamento do Presidente, que se considera abandonado pelos partidos políticos, pelas lideranças nacionais, pelo Congresso, pelos empresários e pela imprensa. Não poderia, assim raciocina Sarney, governar no nível adequado da eficácia político-administrativa. E o outro ponto se relaciona com o combate à corrupção, pois a afirmação do Planalto levada ao ar sustenta haverem sido transferidos à Justiça 139 inquéritos, até hoje pendentes de julgamento, além da decretação de indisponibilidade de bens contra 597 pessoas.

Como a orfandade política do Governo e a corrupção são dois temas altamente polêmicos, seguramente deverão ser colocados em exame nos futuros debates entre os candidatos à Presidência. A opinião pública deverá ficar atenta porque Sarney está disposto a voltar ao vídeo, caso seja novamente atacado. Ampliam-se assim as oportunidades para o exercício da democracia.